

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Aliada de Macron é reeleita presidente da Assembleia

Yaël Braun-Pivet manteve seu cargo após três rodadas de votações

/ FRANÇA

A influente câmara baixa do parlamento francês, a Assembleia Nacional, realizou a sua sessão de abertura nesta quinta-feira para eleger um presidente, depois de caóticas eleições antecipadas convocadas pelo presidente Emmanuel Macron terem produzido uma legislatura sem maioria clara para nenhum grupo político. E Yaël Braun-Pivet se manteve no cargo.

As eleições parlamentares no início deste mês resultaram numa divisão entre três grandes blocos políticos: a coalizão de esquerda Nova Frente Popular, os aliados centristas de Macron e o partido de extrema-direita Reagrupamento Nacional. Nenhum deles obteve maioria absoluta.

A sessão de abertura da Assembleia Nacional ocorreu depois de Macron ter aceitado, na terça-feira, a renúncia do primeiro-ministro Gabriel Attal e de outros ministros, que seguirão de maneira interina no cargo até a indicação de novos nomes.

A dividida Assembleia Nacional francesa manteve um membro do partido do presidente Macron como mandatário, após as caóti-



Yaël ganhou 220 votos, enquanto o candidato comunista obteve 207

cas eleições antecipadas terem resultado uma bancada sem maioria para nenhum grupo político. A presidente Yaël Braun-Pivet, de 53 anos, manteve seu cargo à frente da Assembleia Nacional após três rodadas de votações na câmara baixa do parlamento.

Ela recebeu o apoio dos aliados centristas de Macron e de alguns parlamentares conservadores que buscavam impedir que seu concorrente esquerdista conquistasse o cargo. Braun-Pivet ganhou 220 votos, enquanto o parlamentar comunista André Chassaigne obteve 207.

O resultado é uma vitória para Macron, que, mesmo não sendo o maior partido na Assembleia, conseguiu formar alianças para desbancar o candidato à presidência da Frente de Esquerda, maior grupo político no Parlamento francês.

A presidente da Assembleia Nacional não tem poderes executivos, mas pode influenciar na escolha do próximo primeiro-ministro por Macron. Nesta semana, o então premiê Attal, teve seu pedido de renúncia aceito pelo presidente, deixando aberto o segundo cargo mais importante da política do país.

Possível secretário de Trump aposta no diálogo com o Brasil

/ ESTADOS UNIDOS

Richard Grenell, apontado como uma possível escolha para secretário de Estado em um eventual governo Donald Trump, afirmou que a política externa do republicano será exatamente o que foi no primeiro mandato. “Donald Trump é quem determina as políticas. Ele quer que as economias cresçam e que os conflitos cessem. Esta é a premissa”, disse.

Questionado como seria a relação do republicano com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, considerando a proximidade dele com a família Bolsonaro, Grenell respondeu que Trump “vai lidar com o mundo como ele é” e que não vai “tentar fazer mudanças de regimes” em outros países.

Em seguida, o cotado para chefiar a diplomacia dos Estados Unidos fez uma defesa da pluralidade e acusou os democratas

de “esmagarem a dissidência” ao caracterizá-la como desinformação. “Donald Trump vai lidar com quem quer que esteja no cargo, e vamos falar com eles”, declarou.

Questionado ainda sobre que avaliação ele faz da atual relação entre Brasil e EUA em áreas como energia limpa e direitos trabalhistas. Sem se referir diretamente a esses temas, Grenell disse que Trump falará com “cada líder para entender como será essa relação” e que vai apresentar as políticas que tornem os EUA mais fortes.

Pouco antes, ele havia feito uma defesa da exploração de petróleo em território americano e criticado a importação do produto de países como Venezuela e Irã. “Nós temos leis mais seguras, melhores leis trabalhistas, ambientais. Nós deveríamos poder explorar nossos recursos e usá-los para o nosso povo. Isso é uma grande questão na Pensilvânia”, afirmou,

em referência ao estado-pêndulo em que a disputa com Joe Biden está acirrada.

Grenell foi embaixador na Alemanha, diretor interino de inteligência nacional e enviado especial para a região dos Balcãs durante o governo Trump. Nesta quinta, ele falou com jornalistas da imprensa estrangeira durante a convenção republicana, que ocorre em Milwaukee, Wisconsin.

O diplomata também ecoou as críticas feitas à Otan por Trump, que acusa os aliados europeus de não contribuírem financeiramente com a organização como deveriam. “Eu sei exatamente o que os europeus querem. Eles querem o benefício da responsabilidade compartilhada e da proteção compartilhada e querem nos ridicularizar por dizer: ‘Espere um minuto, é melhor vocês pagarem a sua parte justa’”, afirmou.

Maduro fala em ‘banho de sangue’ se perder eleição no próximo dia 28

/ VENEZUELA

O ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, afirmou em um comício nesta quarta-feira, a 11 dias das eleições presidenciais, que sua derrota nas urnas poderia desencadear uma guerra civil no país.

“O destino da Venezuela no século 21 depende da nossa vitória em 28 de julho. Se não querem que a Venezuela caia em um banho de sangue, em uma guerra civil fratricida, produto dos fascistas, vamos garantir o maior êxito, a maior vitória da história eleitoral do nosso povo”, afirmou Maduro durante o ato em Caracas.

O líder do regime, que aparece em desvantagem nas pesquisas de opinião enquanto busca um terceiro mandato de seis anos, vem subindo o tom de seus discursos nos últimos dias. Na semana passada, ele já havia feito referência a uma guerra.

“Em 28 de julho se decide entre guerra ou paz, guarimba [tipo de protesto com barricadas

usado pela oposição] ou tranquilidade, projeto de pátria ou colônia, democracia ou fascismo. Estão preparados? Estão preparadas? Eu estou preparado. Tenho amor pela Venezuela, tenho experiência, não tenho medo nem do demônio. Deus vem comigo”, afirmou ele em um comício no estado de Aragua, no Norte do país.

A última declaração ocorre no momento em que a tensão aumenta no país. Também nesta quarta, membros da oposição afirmaram que o chefe de segurança de María Corina Machado, mais vocal crítica do regime, foi preso a 11 dias das eleições presidenciais.

Na manhã desta quinta, a opositora voltou às redes sociais para denunciar uma suposta tentativa de atentado contra sua equipe em Barquisimeto, capital do estado de Lara. “Nossos carros foram vandalizados e cortaram a mangueira dos freios. Agentes do regime nos seguiram desde [o estado de] Portuguesa e rodearam a região onde pernoitamos.”

Ursula conquista 2º mandato como presidente da Comissão Europeia

FREDERICK FLORIN/AFP/IC



Alemã considerou sua reeleição uma vitória para os seus apoiadores

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O Parlamento Europeu reelegera nesta quinta-feira, Ursula von der Leyen para um segundo mandato de cinco anos como presidente da Comissão Europeia, dando-lhe uma maioria confortável e evitando um possível vácuo de liderança.

Ursula ergueu os dois punhos em sinal de vitória enquanto a Presidente do Parlamento, Roberta Metsola, lia o resultado no plenário. Ela considerou a sua reeleição uma vitória para os seus apoiadores, legisladores que ela chamou de “pró-europeus, pró-Ucrânia e pró-Estado de direito”.

Uma clara maioria de 401 parlamentares na legislatura de 720 assentos votou pela democrata-cristã alemã, depois de um discurso no qual ela se comprometeu a ser uma líder forte para a Europa em um tempo de crise e polarização.

A votação secreta ocorreu logo após os fortes ganhos da extrema direita nas eleições do mês passado para o Parlamento Europeu.

O partido italiano de extrema-direita Liga afirmou num comunicado que a vitória de von der Leyen “traiu o voto de milhões de eleitores que pediam mudanças e que agora sofrerão as escolhas perversas dos extremistas verdes”.